

Carta a uma velha amiga que me disse ter conhecido um grande poeta, que é meu amigo; e ter sofrido uma decepção:

Querida —

Não achou você poético o poeta; e até se queixa de que, no tempo em que esteve em sua mesa, não lhe ouviu uma palavra sobre poesia, mas unicamente, ao sabor da conversa, comentários sobre sapatos de homem e desastre de automóvel quando você gostaria de conversar sobre William Shakespeare.

É, na verdade, um pouco mortificante. Nunca falam os poetas de poesia? — me pergunta você. Bem, eles falam. Cada homem tem costume de falar de seu ofício, e o poeta é um homem como os outros. Mas acontece que, além de ser um homem como os outros, e sem deixar de sê-lo, ele tem isso de grave e especial que é ser um homem a quem tudo concerne e de tudo tira seu mel e seu fel. Esse menino que passa com um barulhento carrinho feito de caixotes, a trazer verduras da feira; aqueles operários da construção, que, depois de almoçar no botequim da esquina com uma cerveja preta, ficam um pouco sentados na calçada, conversando à toa, à espera do sinal para o trabalho; e o próprio carrinho de tábuas de caixote, e a própria garrafa de cerveja preta — tudo é matéria do poeta.

Não concerne o peixe ao motorista nem a mangueira ao cirurgião; mas ao poeta tudo concerne, e nesse pedaço de jornal velho que o vento arrasta pelo chão ele se inspira tão bem quanto naquela môça que saiu às compras, na manhã fria do bairro, com calças compridas e uma capa de gabardine. Apenas há isto: que a esse farrapo de jornal ou aos olhos verdes dessa môça pode acontecer que tenham de esperar muitos anos para entrar em um verso do poeta, como podem entrar de repente, atravessando um braço de mar de 1938 ou a tarde de um agosto antigo. A môça tão linda julga ir onde quer, ao sabor de sua fantasia; na verdade ela é guiada por um controle remoto que a faz passar perante o poeta. Este pelo menos assim o crê: vê gestos de Deus na queda de uma fôlha ou no salto de um gato.

Quando o poeta fala de sapatos, de trânsito ou futebol, não está disfarçando: a abertura do novo túnel e a côr dos sapatos, tudo se filtra na alma do poeta. Tudo; e com certeza também você, que ele pode ter incorporado silenciosamente, e quando amanhã escrever "uma tarde castanha" se lembrar de seus cabelos e de sua voz serena.

Não o desame pois, por não ser poético: isso não é seu ofício; ele é poeta. Adeus.

X A NUVEM E A SOMBRA

Como estas, viajando sobre a floresta
Notas esparsas de viagem que tenho preguiça de juntar, articular, para fazer uma crônica.

mata
A floresta, vista de cima, é plana, monótona, imensa como o oceano. Há algumas nuvens brancas espalhadas pelo céu, pouco abaixo de nós. Elas parecem voar em sentido contrário ao nosso. Mas lá em baixo, na floresta, as manchas de sombra que elas projetam estão imóveis. A nuvem anda — mas a sombra fica.

amazônia
É tudo ilusão da vista; mas o que não é ilusão no mundo do movimento e da distância? Minha verdade é esta: a nuvem voando, a sombra parada. E o avião sempre me dá uma espécie de lirismo pueril: penso em alguém que passou como nuvem branca no céu; e em sua sombra imóvel no meu coração. A sombra é a minha verdade; não a nuvem... A nuvem é dos outros.

3-1-65
CM 25.4.51
M 96
DN 21.9.66
JB 3.1-65
RN

M 143
CM 23.8.51
Go 21 e 22
de Ago. 61
RN
Rev. Nac.
Nº 11
Fev. 199
216

O BUDA DE BELÉM

Nesse Aeroporto de Belém há tôda uma quinquilharia pitoresca para tentar os turistas. Coisas de casco de tartaruga e conchas; e também quadros e pratos com aplicações de asas de borboletas, vindos provavelmente do Rio, jóias baratas de pedras coradas de Minas, caixinhas e bandejas com mosaicos de madeira do Paraná.

No meio desse amontoado triste de coisas coloridas há surpreendentemente, um Buda —

um Buda verde, de massa ou de barro, grande, solitário.

De onde terá vindo esse Buda vulgar e caro que se senta, aborrecido, entre pires enfeitados com asas de pobres borboletas assassinadas, ~~pela ganância e pelo mau gosto~~? Perto dêle há um horroroso abajur de casco de tatu. Daí talvez seu ar aborrecido. Que estranho bêbado comprará um dia esse deus infeliz de cerâmica barata? "Que rei bêbado será?"

Dante Milano? como perguntaria Dante Milano.

O TAPIRI

O seringueiro é meio nômade; sua vida muda ao sabor da natureza e das estações. Ele planta, na terra alheia, e às vezes para usar somente alguns meses, sua casa primitiva.

Mas, dentro de sua indigência, essa casa é um milagre de arquitetura. Está armada sobre estacas, mesmo onde não chegam as águas da enchente. Como as paredes, o assoalho é feito com finos pedaços côncavos de palmeira paxiúba; como não são bem ajustados, deixam passar o ar. A cobertura é também de folhas de palmeira. A casa é quadrada, e a metade da frente não tem paredes; às vezes tem um parapeito também de paxiúba. É a *v a r a n d a* que funciona como *living*; não seria possível inventar um lugar mais fresco no meio da floresta.

A segunda metade é ocupada por quarto e cozinha, com o fogão de barro. Feita apenas de palmeiras, completamente vegetal, essa casa é uma obra prima de adaptação ao meio. E que colchões suntuosos de que palácios me darão jamais o infinito bem-estar da rede branca que armou para mim, na sua *varanda*, pela madrugada, o caboclo Chico Pedro, veterano da revolução do Acre, quando subimos a barranca do rio até o seu rancho, no fim de uma pescaria noturna? Que vinhos e que pratos valerão essa cachaça e esse peixe moqueado que êle me trouxe na rede imensa em que eu abandonara, feliz, o corpo cansado?

Chico Pedro ou Chico Antônio? Esqueci o nome: o homem, o amigo, o mágico, o irmão, êsse jamais esqueerei.

RM

M 143,
etc
Rev. Nac.
N.º 11
Fev. 79

M 143

CM 18.8.51
Gldo 21 e 22
de Ago, 1961

JB 3.1.65

FLU 1 junho 79

3.1.65